



## FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E PENSAMENTO INDÍGENA: UMA PROPOSTA DECOLONIAL CONTEMPORÂNEA

  10.56238/costurandosaberes-004

**Gabrielly Jacob Menezes**

Lattes: 4157774443237990

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

**Hugo Rodrigues da Silva**

Lattes: 9421959144934721

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

**Willians Prestes de Almeida**

Discente do Bacharelado em Engenharia Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

**Ricardo Valim**

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professor de filosofia Tecnologias do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia

### RESUMO

Em essência, a filosofia busca se ocupar de questões importantes. Considera-se a filosofia como não alienada, mas arraigada em meios aos problemas do mundo. É preciso pensar filosoficamente a realidade a partir de conceitualizações amazônicas. A educação baseou-se durante muito tempo em modelos eurocêntricos que não consideram saberes outros. Neste contexto, a inserção do pensamento indígena em relação ao ser humano e a natureza se mostra como uma das contribuições para a educação no processo de decolonização epistêmica. Objetiva-se refletir sobre as epistemologias indígenas como problema filosófico no qual a própria filosofia da educação deve se ocupar. A metodologia configura-se como revisão bibliográfica. Os resultados da discussão apontam para a necessidade de refletir filosoficamente sobre a importância do pensamento literário indígena em um processo decolonial epistêmico. Conclui-se que um processo decolonial educativo passa pelo crivo da sabedoria indígena e pensado à luz da filosofia da educação, possibilita uma educação integral.

**Palavras-chave:** Filosofia, Educação, Pensamento indígena, Epistemologia, Decolonização.

### 1 INTRODUÇÃO

Os caminhos da filosofia e da educação sempre estiveram estreitamente ligados. Desde tempos imemoriais o ser humano se questiona sobre o cosmos circundante e procura de uma forma ou outra fazer a transmissão destes saberes para as novas gerações. Revisitar a história da humanidade é sempre importante para descobrir novos caminhos de sabedoria com os quais as pessoas foram se organizando para propiciar às novas gerações elementos educacionais para

aprimorar suas culturas.

Em locais, como por exemplo, Atenas clássica, se pensava em uma formação na qual se pretendia “[...] a formação de um elevado tipo de homem” (JAEGGER, 2003, p.7). Este fato é importante porque nos conduz a um caminho de entendimento no qual se compreende que “não viver numa cidade é, para um grego da época clássica, não viver politicamente (isto é, de maneira *civilizada*)” (WOLFF, 1999, p. 9). Sendo “o homem é um eterno insatisfeito. Ele quer a perfeição. Ele quer o absoluto. E sempre continua procurando” (SCHMITZ, 1984, p. 183). Mas afinal de contas o que este ser humano inquieto continua incessantemente a procurar? Certamente podemos considerar o aspecto do esclarecimento. De uma forma ou de outra é da natureza humana a busca pelo esclarecimento, seja para questões de ordem natural, seja para questões que demandam explicações sobrenaturais.

Desta forma, assim como é dito por Jonas Hans: Todo problema, em essência, é uma colisão entre uma visão ampla (seja uma hipótese ou uma fé) e um fato particular que com ela não se coaduna (HANS, 2004, p.19). Seguindo este pensamento, verifica-se que as inquietações a respeito de hesitações humanas para com o meio a qual se vive são, de fato, falhas sociais e educacionais presentes na política inadequada de ensino, posto isso é notório que a visibilidade de culturas tal como a indígena possui, ainda, um menor reconhecimento civil se comparado com acontecimentos europeus, por exemplo.

Na atual conjuntura social se faz urgência o incentivo a espaços que ajudem na maturação dos discentes como protagonistas do saber. Assim, pode-se começar um processo de decolonização em que é assumida uma nova postura de compreensão de que pensamentos outros também devem ser valorizados. E deste modo, formar cidadãos que são detentores do seu conhecimento tanto do ponto de vista social quanto cultural.

Na atualidade nota-se uma busca por revisitar as antigas tradições dos povos originários brasileiros, sobretudo, os indígenas. Seus saberes foram desconsiderados durante muito tempo por uma modernidade que considera e torna válidos apenas saberes de ordem eurocêntrica. Ou seja, conhecimentos que atendem uma determinada ordem estabelecida, métodos científicos rigorosos, que separa o ser humano da natureza.

O objetivo desta pesquisa é desenvolver um estudo que vise refletir sobre as epistemologias indígenas como problema filosófico no qual a própria filosofia da educação deve se ocupar.

O pensamento indígena brasileiro contemporâneo possui uma perspectiva epistêmico-normativa importante para o descentramento, relativamente à perspectiva europeia e, na verdade, de decolonização da mesma. E isso se verifica por meio de uma uma revisão de literatura que alicerçará o estudo, portanto, a pesquisa será de caráter bibliográfico.

Ao se fazer uma análise do estado da arte, nota-se o crescimento da produção literária indígena brasileira contemporânea. Autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Kaká Werá Jecupé (só para citar alguns) são nomes importantes neste cenário da produção literária intelectual brasileira. Além destes autores indígenas, podemos citar ainda intelectuais acadêmicos como o Prof. Dr. Leno Francisco Danner da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR que através de seus estudos têm demonstrando a atualidade, pertinência, profundidade, beleza e riqueza destas tradições ancestrais para a sociedade de um modo geral e também para a filosofia.

## 2 RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Filosofia é uma palavra grega (REALE, 2003, p. 3) que remete a um significado de amor ou amizade à sabedoria, ao saber. Sua aplicação pode-se dar a vários campos do conhecimento, em nosso caso a preocupação se centra no aspecto da educação enquanto tal. Sua origem está em contraposição ao pensamento mitológico que em sua raiz visava explicar a realidade a partir de elementos transcendentais a realidade como é o caso dos deuses, terras distantes e demais forças sobrenaturais e maravilhosas. Essas histórias e lendas contadas ao redor das fogueiras agora não mais preenchem o vazio de inquietações do ser humano. Afinal, como aponta o filósofo Aristóteles em sua metafísica, o ser humano tem o desejo de conhecer. Essa busca por desvendar os segredos do universo e explicar a realidade a partir de elementos racionais é que levou os filósofos da primeira hora como é o caso dos pré socráticos em sua arché. Estes pensadores procuravam encontrar a origem de todas as coisas.

Agora pensando a filosofia aplicada ao contexto da educação percebemos que o ser humano ainda é um constante inquieto em relação ao saber e que constantemente está em busca para alcançar a meta de explorar novos areópagos dos saberes. Essa busca pela verdade permite ao ser humano contemplar a realidade atentamente e a partir de elementos existentes na mesma possa criar espaços de reflexão e conteúdos pelos quais irá lançar mão de novas argumentações questionadoras. Mas para que isso aconteça é necessário estar suficientemente sensível e aberto aos sinais dos tempos presentes na realidade. Paulo Freire é um daqueles autores que por onde passam marcam história, não porque fazem grandes feitos, mas sim porque conseguem fazer o extraordinário no ordinário. Sua sensibilidade para com a realidade leva a pensar em mudanças que carecem de serem efetivadas:

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra (FREIRE, 2000, p. 22).

Quando se dá atenção a estas palavras de Paulo Freire inevitavelmente o pensamento corre em direção aos povos originários brasileiros, sobretudo, os indígenas. É notório que ao longo de todo o processo de constituição do Brasil enquanto povo e nação livre estes povos e sua carga de conceitos e sua sabedoria foi simplesmente silenciada. Porém, as novas gerações vem buscando conquistar espaços para através de suas vozes presentes nas mídias, na literatura, na arte para exporem suas próprias cosmovisões.

A filosofia em sua essência busca se ocupar de pensar questões que são importantes mas que no momento não é dada a devida atenção. Por sua vez, a filosofia da educação é um ramo da filosofia que como seu próprio nome anuncia é voltada para a questão da educação mesma. Segundo Paulo Ghiraldelli Junior (2006, p. 30):

A filosofia se ocupa do que é banal, propondo questões que, em geral, outros campos da atividade intelectual não só não elaboram como também desprezam, alegando que são perda de tempo ou “fora de propósito”. Pois bem, e a *filosofia da educação*? A filosofia da educação, por sua vez, se preocupa com a educação, levantando observações que os outros setores do campo educacional não acham pertinentes ou nos quais nem mesmo veem inteligibilidade. Podemos explicar isso considerando as separações entre o cientista, o religioso e o filósofo, tomando aqui o que cada um deles faz quando está envolvido com o ensino.

É, portanto, a filosofia da educação responsável por pensar questões referentes à educação de forma mais profunda sua percepção epistêmica e ontológica permite lançar mão de um novo olhar e compreender que sim, a educação deve passar por um processo transformador, porque sua natureza mesma é a transformação. Uma educação que não cumpre este papel em meio a sociedade não está existindo em plenitude, mas sim apenas servindo de massa de manobra para a política e grupos interessados.

O filósofo da educação, por sua vez, não despreza a atividade do religioso que lida com a educação e que quer, por meio dela, proporcionar aos jovens um sentido para a vida, dando uma significação (moral e teológica) para a própria educação. O filósofo da educação não faz pouco-caso do cientista da educação que procura explicar o funcionamento educacional de povos, grupos e indivíduos. Mas o filósofo da educação não fica nisso. Ele é especialista em criar um discurso a respeito da boa pedagogia; e esta, não raro, é a negação da pedagogia vigente de algum local ou tempo. O filósofo da educação é tão aborrecedor para os que se recusam a ver problemas na educação quanto o filósofo em geral o é para aqueles que odeiam questionar qualquer coisa. Mas o filósofo da educação não é inimigo do pedagogo. Ele é um bom amigo - ao menos do pedagogo inteligente (GHIRALDELLI, 2006, p. 31).

É o filósofo da educação responsável por se relacionar adequadamente e pacificamente com os mais variados setores educacionais para que de todos eles possa lançar mão de um diálogo crítico e construtivo que venha de fato a lançar mão de novas argumentações que visam o aprimoramento prático educativo. Suas inquietações filosóficas são indispensáveis para que a mudança no espaço

educacional possa de fato vir a acontecer. Sem essa percepção acaba-se por sempre considerar os mesmos elementos o que torna o progresso educacional inviável sem o apoio reflexivo que pensa o mesmo tema sempre por outras perspectivas.

O filósofo da educação cria um invólucro teórico para acolher sua pedagogia que, ele sabe, talvez seja irrealizável. Mas esse invólucro é para deixar todos com dúvidas a respeito do que estão fazendo e acreditam que é correto; é para tirar o tapete daqueles que agem sem discussão — como gostam os dogmáticos — ou com discussão demais, que não leva à mudança de rumo - como gostam os burocratas de 99% dos governos (GHIRALDELLI, 2006, p. 31).

A valorização de um espaço discursivo possibilita aos agentes relacionais um encontro de pensamentos e saberes que muito dificilmente seriam compreendidos fora do espaço dialógico.

Aquele que se propõe a refletir sobre os caminhos educacionais deve minimamente se permitir por via de sua sensibilidade ler os sinais dos tempos presentes na natureza humana que muitas vezes clama por entendimento. E esse entendimento pode estar relacionado a qualquer tipo de temática, basta apenas que o ser humano se coloque em um movimento de dúvida que imediatamente surge a necessidade de sanar a mesma.

Neste sentido é indispensável uma reflexão sobre nossa própria identidade histórica enquanto constituição de povo aqui nas américas. Até porque com a conquista do Novo Mundo em 1492, com a descoberta do Brasil em 1500, houve um fluxo contínuo de europeus que trouxeram consigo a invisibilização e subalternização do outro. Esse movimento se refere ao aspecto do modo como o colonizador vê o colonizado, vendo-o como aquele que não tem nada em comum, sem qualquer possibilidade de similaridade.

Aportou em nossas praias também o sistema capitalista que até então era completamente desconhecido pelas populações indígenas locais. É preciso destacar ainda que o fenômeno da Modernidade (passagem do mundo feudal para o mundo capitalista séc. XV ao XVIII na Europa) não pode existir sem a colonialidade. Por isso é necessário fazer essa relação entre a modernidade e os processos coloniais que levaram ao longo do tempo a uma mobilização mercantilista em todas as terras conquistadas. Mercantilização essa que não foi somente de matérias primas, mas também de corpos, de mentes e de corações que já pulsava a muito tempo por essas paragens.

Com o processo colonial se instituiu nas américas uma nova forma de organização do mundo, organização essa que atingiu todas as esferas da vida humana. Incluindo uma nova forma de constituição dos saberes, da linguagem, da memória e dos imaginários de todos aqueles que fizeram parte desse processo histórico. Nota-se, que o empreendimento colonial, por sua vez, se tornou com o tempo uma espécie de legitimadora de certos saberes. Todos os conhecimentos que não provenientes do velho continente se tornam então apenas, superstição, mitologia e selvageria. Não

há, portanto, neste contexto histórico a possibilidade de consideração por outras cosmovisões e cosmopolíticas que não aquelas tradicionalmente instituídas pela religião e pelos poderes das realezas envolvidas nos processos coloniais.

Estes povos que aqui habitavam foram simplesmente catequizados e classificados, hierarquizados. E isso acontece porque no desenvolvimento da ideia de Estado-Nação que é uma criação moderna se estabelece que em um mesmo território devem habitar pessoas que possuem um mesmo credo, com mesmo sangue, mesmo passado histórico comum.

Neste contexto é que os povos originários foram excluídos. Reflexo disso está no fato de nada estudarmos sobre seu passado pré 1500. Sua própria identidade foi desconsiderada e identificada a partir de elementos que não pertenciam a sua realidade, mas sim segundo a compreensão européia. A este respeito podemos então concordar com Ailton Krenak (2015, p. 239) quando afirma que:

E o outro desconforto era me identificar como índio, porque índio é um erro de português, plagiando Oswald, que disse que, quando o português chegou no Brasil, estava uma baita chuva, aí ele vestiu o índio, mas, se estivesse num dia de sol, o índio teria vestido o português, e estaria todo mundo andando pelado por aí. Isso continua valendo até hoje, e eu atualizei dizendo que o índio é um equívoco do português, não um erro, porque o português saiu para ir para a Índia. Mas ele perdeu a pista e veio bater aqui nas terras tropicais de Pindorama, viu os transeuntes da praia e acabou carimbando de índios. *Aquele carimbo errado, equívoco, ficou valendo para o resto das nossas relações até hoje*, e a resposta para uma pergunta tão direta e simples poderia ser tão direta e simples quanto. Quando foi que eu atinei que eu tinha que fazer essas coisas que ando fazendo nos últimos 50 anos da minha vida, que é quase que repetir o mesmo mantra, dizendo para esse outro: ‘ô, cara, essa figura que você está vendo no espelho não sou eu não, é você, esse espelhinho que você está me vendendo não sou eu, isso é um equívoco!’? E saí do sentimento para a prática na pista dos meus parentes mais velhos do que eu, que estavam sendo despachados da zona rural para as periferias miseráveis do Brasil, o que acontece em qualquer canto, no Norte, no Sul, em qualquer lugar.

A voz-práxis literária de Ailton Krenak (2015) revela um movimento que conduz para uma percepção de um desconforto histórico causado justamente por um equívoco que é fonte geradora de uma crise identitária. No entanto, vemos a apropriação dessa temática como fonte e possibilidade educativa para o debate público, e é justamente o elemento chave de sua jornada. Não se trata de uma jornada estéril, e sim de um caminhar para a transformação de consciência que é necessária para a superação de velhos sistemas que perpetuam e marginalizam uma multiplicidade de culturas e dentro delas as próprias culturas nativas brasileiras.

Essa jornada de Ailton Krenak revela ainda algo muito peculiar do pensamento filosófico indígena brasileiro contemporâneo que é a busca por uma releitura do fenômeno da modernidade e do diálogo com a mesma. Essa releitura é fundamental porque agora aquele outro da modernidade que estava invisibilizado toma posse de seu lugar de fala e abre para o mundo uma gama de conhecimentos que até então não eram legitimados pela pretensa universalização eurocêntrica.

Essa abertura acontece principalmente pela dinâmica literária, meios de comunicação e demais artifícios tecnológicos pelos quais os povos indígenas brasileiros contemporâneos têm se apropriado com a finalidade de demarcar novos espaços para a propagação de suas epistemologias.

Segundo Kaká Werá Jecupé (2001, p. 95) ao relatar a imagem que se tem dos indígenas:

O índio foi imaginado pela mente ocidental do século XVI como uma cultura sem rei, sem fé, sem lei – assim registraram alguns escritos da época. No século XX, a sociedade brasileira de maneira geral chama de índio o sujeito violento, bárbaro ou o miserável que mora em casas improvisadas. Chama de índio também os representantes das etnias que ainda vivem dentro da proteção de um ecossistema, como o amazônico ou o mato-grossense. Costuma qualificar o índio pela aparência (preferencialmente nua e pintada), pelo exotismo e, sobretudo pela dificuldade de comunicação com a sociedade vigente.

Novamente vemos uma série de elementos que acabam por rotular os indígenas como se sua existência fosse apenas restrita e configurada por estes dizeres que a sociedade faz por sobre as populações indígenas.

Educar também passa pela esfera de compreender historicamente e filosoficamente a história e até mesmo aos poucos ir ressignificando essa mesma história como forma de superar elementos colonialistas ainda presentes em nossa sociedade. Faz-se necessário descolonizar corações e mentes a partir da educação para que haja de fato a formação de um novo ser humano capaz de construir uma nova sociedade cada vez mais aberta para a diversidade epistêmica.

### 3 UMA FILOSOFIA AMAZÔNICA DA EDUCAÇÃO

Se considerarmos que a filosofia não é alienada a realidade mas sim encarnada em meio aos problemas do mundo, logo faz sentido pensarmos a filosofia como elemento chave fruto de uma realidade amazônica. Neste caso se propõe pensar a realidade a partir de conceituações próprias amazônicas. Não se trata de instaurar extremismos nos quais podem vir a entender que se faz necessário pensar a organização mundial a partir da Amazônia. Não, não é este o foco. Mas sim, elaborar uma linha dialógica que valorize essa multiplicidade epistêmica e ontológica presentes neste cosmos amazônico.

Se for considerada a Amazônia como lugar de fala, como sendo um espaço onde cada sujeito pode exercer sua autonomia e autoria do próprio pensamento refletindo sobre aspectos mais profundos da sociedade em que reside é necessário que haja um engajamento como verdadeiro protagonista. Exemplo disso, é a análise que Márcia Mura (2016, p. 23) faz sobre a realidade amazônica contemporânea:

Essa Amazônia urbana, que constrói uma cartografia oficial em cima de territórios indígenas e invisibiliza a presença indígena na cidade, que ainda em nossos dias demole os modos de



vida amazônicas para em cima construir novos espaços e modos de vida do dito modelo de desenvolvimento, que representa a desestruturação e morte para quem vive ou vivia dentro de seu próprio modo sustentável e apesar de toda política desenvolvimentista e embranquecedora, antigos e novos espaços de cultura local se mantêm como resistência.

Sua reflexão faz o resgate de detalhes que podem passar despercebidos à primeira vista de quem não está habituado a fazer uma análise mais aprofundada do teor das relações cotidianas que existem na Amazônia. Márcia Mura (2016) conduz seu leitor a compreender a existência de uma realidade que foi ao longo do tempo soterrada pela avalanche cultural e epistêmica com a promessa de um desenvolvimento sem paralelos. Na verdade, essas promessas oportunizaram epistemicídio. No entanto, nota-se uma resistência por parte dos povos originários indígenas brasileiros contemporâneos que a muito custo vem se mantendo diante do embranquecimento desenvolvimentista.

Márcia Mura, de seu lugar de fala, lança mão de sua voz-práxis para fazer uma crítica contundente perante a vivência contemporânea amazônica. E sua crítica está profundamente ligada à realidade na qual cada sujeito em sociedade. Também é uma espécie de chamada à responsabilidade porque cada sujeito nessa realidade amazônica de forma direta ou indireta pode acabar por contribuir com a perpetuação ou não deste modelo desenvolvimentista e epistemicída.

A questão indígena em nosso país ainda enfrenta dificuldades. De fato houveram muitos avanços para a emancipação desses povos e o resguardo normativo de sua dignidade humana e seus direitos de vivências tradicionais. Infelizmente ainda existem concepções sobre estes povos que ainda são retrógradas e não oferecem outra coisa senão críticas sem fundamento porque se pautam em falácias ou modos de pensar herdados dos tempos coloniais. Mitos se espalham como rastilho de pólvora quando simplesmente não consideramos os povos originários como capazes de gerir suas próprias existências. É como se ainda estivesse incutido dentro de nós um espírito paternalista que não valoriza a essência e cultura desses povos. Nossas vãs concepções estão ainda muito aquém do que realmente importa que é justamente uma mudança radical de corações e mentes.

Felizmente em nossa atual conjuntura social, mesmo que “aos trancos e barrancos”, temos buscado o desenvolvimento de uma consciência crítica por sobre a questão indígena em várias frentes. Muitas delas atreladas à educação, saúde, direito, filosofia, ciências e tantas outras. E por falar em filosofia é necessário considerar o fato de que a sabedoria ocidental se colocou ao longo do tempo e sobretudo com o advento da modernidade como referencial epistêmico e normativo para todo o mundo. Podemos concordar com José Benedito de Almeida Júnior (2018, p. 116-117) quando afirma que:



Uma das características da filosofia ocidental, especialmente européia e norte-americana, é supor que seus valores culturais representam o ápice do desenvolvimento do espírito humano e que, portanto, possuem um caráter universal, ao passo que as outras manifestações culturais são caracterizadas por alguma carência, por isso, em sua apresentação devem ser hifenizadas como africanas, latino-americanas, ameríndias etc.

Esse desenvolvimento reflexivo é de suma importância porque estimula novas formas de pensar sobre estes nichos sociais. O olhar crítico indígena permite a formulação de novas possibilidades de organização de uma forma harmônica, participativa e de fato que venha a tornar o discurso mais amplo do que o tradicionalmente proposto.

No passado os povos originários sobretudo com o advento da constituição e antes ainda com o movimento indígena brasileiro se ocuparam de questões ambientais, das demarcações de terras e da dignidade da pessoa humana. Esse fato possibilitou que os povos originários conquistassem e fossem peças fundamentais na formulação da Constituição Federal de 1988.

A grande preocupação das novas gerações dos povos originários reside na demarcação de novos espaços para que ali possam manifestar seus conhecimentos e também revelar seus pensamentos e opiniões sobre os mais variados temas, além é claro dos temas tradicionalmente discutidos, como as questões ambientais. Esse fato mostra que os povos originários têm se adaptado a cada geração buscando resguardar e avançar em seus direitos enquanto povos que antecedem a ideia de Estado.

Para os indígenas, a terra é um ser vivo, um ente próximo, a quem se pode chamar de mãe e de irmã, e essa ligação é de fundamental importância para resgatar na sociedade a ideia de integração do ser humano com o meio natural, diferente do pensamento impetrado atualmente de “recurso natural”, que atribui valor econômico à natureza, nos separando do meio e colocando-nos na posição de meros exploradores, como se não integrassem e sofressem as consequências dessa exploração.

No contexto da educação, a inserção desse pensamento indígena sobre o ser humano e a natureza como dom e não como objeto a ser explorado e vendido, se mostra como uma das contribuições mais relevantes dos indígenas para a sociedade brasileira de não indígenas, principalmente neste momento que há uma urgente necessidade de novas alternativas em relação ao desenvolvimento, pois a natureza é um patrimônio de todos, que une as gerações passadas às presentes e futuras. E para o enfrentamento da situação atual é necessário que de fato haja:

As relações têm de estar assentadas em bases de reciprocidade, em que uma parte adquire significados específicos, sem perder a característica central de igualdade entre sujeitos diferenciados. Por outro lado, num tipo de sociedade que se estrutura por uma atividade econômica de exploração dos recursos naturais e de recursos humanos, sem considerar os aspectos ecológicos e simbólicos, compreender a natureza como um sujeito igual requer uma mudança de mentalidade e de modo de vida (SILVA, 2002, p. 28).

De marginalizados a protagonistas de novos saberes, essa é a realidade em que se encontram os povos indígenas. Durante muito tempo seus saberes foram limitados segundo uma configuração de saberes que pertencia a uma outra dinâmica existencial, a saber o pensamento eurocêntrico que em sua vã concepção pretende abarcar e determinar todos os saberes. Aliás, saberes aqui entendidos segundo seus parâmetros estabelecidos. Criou-se uma cultura que afetou não somente os corpos, mas as mentes de milhões de pessoas em todo o mundo de uma forma drástica a eliminar sistematicamente outras expressões de saberes. Quando se elimina outros saberes se extingue também outras formas de conceber o mundo na sua integralidade gerando assim um empobrecimento cultural. Muitas vezes nos compadecemos por sobre espécies animais extintas, mas quem se compadece pelo epistemicídio operado ao longo de séculos pelos valentes desbravadores em terras até então desconhecidas.

Esse sistema perverso, mercantilista e excludente que nega a existência da essência do outro porque justamente nega suas formas de manifestação de sua identidade cultural deve deixar de existir. Os males que tal mentalidade provocam são indescritíveis em palavras humanas, porque talvez não existam palavras suficientes para dizer o que é de fato o racismo, a xenofobia e, em um grau mais acentuado, o próprio terrorismo. Balbucia-se e especula-se superficialidades quando na verdade a essência do problema transcende as meras especulações razas.

Contudo, muitos são os brancos que continuam ignorando nossas palavras. Mesmo que elas cheguem aos seus ouvidos, seu pensamento continua fechado. Seus filhos e netos talvez as escutem um dia. Então pensarão que são palavras de verdade, claras e direitas. Perceberão como é bela a floresta e entenderão que seus habitantes querem viver nela como seus ancestrais antes deles. Irão se dar conta do fato de que não foram os brancos que a criaram, nem ela nem seus habitantes, e que, uma vez destruídos, seus governos não poderão fazer com que voltem à existência. Se, por fim, os brancos ficassem mais sensatos, meu pensamento poderia recuperar a calma e a alegria. Eu diria a mim mesmo: “Que bom! Os brancos acabaram ganhando sabedoria. Eles começam a ter amizade pela floresta, pelos humanos e pelos xapiri”. Minhas viagens acabariam. Eu já teria passado tempo demais longe de casa a discursar para eles e a encher suas peles de papel com o desenho de minhas palavras. Passaria a visitar a terra dos brancos só de vez em quando. Diria então a meus amigos de lá: “Parem de me convidar tanto! Quero me tornar espírito e continuar estudando com os xapiri. Só quero adquirir mais conhecimento!”. Então eu me esconderia na floresta com os xamãs mais antigos, para beber o pó de yãkoana até ficar bem magro e esquecer a cidade. (KOPENAWA, 2015, p. 486-487).

Essa perspectiva esperançosa de Davi Kopenawa Yanomami leva-nos a outro patamar de reflexão em que demonstra consciência de uma humanidade que ainda não está pronta para de fato conhecer a verdade em suas profundidades, mas que possivelmente, um dia a encontrará e a partir deste encontro mudanças virão na perspectiva de mudanças de paradigmas. Essas mudanças são necessárias para evitar incorrer em erros como os já perpetrados ao longo da história da humanidade. Não dá mais para simplesmente manter estruturas que em sua dinâmica passivamente permitem o avanço das inconsistências excludentes e falaciosas.

É interessante observar a capacidade de resiliência que os povos indígenas possuem de se apropriar de outras ferramentas que não fazem parte de seu repertório original para difundir suas culturas, bem como encontrar espaço dialógico.

As minorias político-culturais têm de fundamentar, dinamizar e aplicar sua voz-práxis por meio da utilização de um paradigma epistemológico-político extemporâneo, alienígena em relação a elas, recusando sua mais básica constituição antropológico-ontológica, sociocultural e epistemológico-política, e abandonando sua singularidade como condição do sentido objetivo e da validade intersubjetiva de suas reivindicações. (DANNER, L.; DANNER, F.; DORRICO, J. 2020, p. 373).

Esse desprendimento revela uma abertura para o diálogo com base na necessidade mesma de manter sua posição frente aos desafios que se impõe. Nesta mesma perspectiva é que encontra-se o uso da literatura como forma de manifestação da voz-práxis que visa a perpetuação dos saberes dos povos indígenas brasileiros contemporâneos.

#### **4 LITERATURA INDÍGENA COMO FONTE EPISTÊMICA E ONTOLÓGICA**

Ao se falar de literatura indígena brasileira contemporânea é preciso entender que ela é um fenômeno recente em nosso país, o que não significa que sua densidade de significados e sua importância na história de nosso país esteja em descrédito pela sua breve existência.

A literatura indígena contemporânea é uma expressão artística enunciada pelos próprios indígenas, que se desenvolve com intensidade a partir da década de 1990 no Brasil. Tal enunciação caracteriza-se na apropriação de ferramentas como a escrita alfabética em língua portuguesa, a literatura e as mídias sociais, conjugando-as à língua materna, à oralidade e aos saberes ancestrais próprios aos povos indígenas. A produção material dos escritores indígenas, em caráter coletivo ou individual, ressignificada graças às suas especificidades culturais, portanto, caracteriza o consenso em torno desta expressão emergente e de matriz extraocidental. (DANNER, L; DORRICO, J.; DANNER, F. 2018, p. 257).

A literatura indígena brasileira contemporânea possibilita aos que dela usufruem um campo para a reflexão por sobre tradições cujas origens se perdem no tempo. Porém, não são apenas produções que se remetem exclusivamente ao passado, mas sim estão profundamente ligadas à dinâmica atual da sociedade. Suas memórias, sua poética, as imagens ancestrais, a cosmovisão e até mesmo sua cosmopolítica são elementos chave importantes para o entendimento da realidade a partir de uma fonte epistêmica plural. Essa diversidade permite também a existência de uma pluralidade de ontologias que irradiam a beleza da vida presente nas artes e no cotidiano das pessoas.

A literatura indígena, por exemplo, traz em sua narrativa a valorização da ancestralidade por meio da criação e da memória/histórias antigas e ancestrais, mas também a denúncia das violações contra os povos indígenas, ora de modo mais explícito, ora mais elíptico. De igual maneira, as artes plásticas e os veículos de comunicação gerenciados pelos próprios indígenas assumem um cunho e uma orientação diretamente promotores e fomentadores da condição e

da causa indígenas, a fim de divulgar as culturas indígenas e o histórico opressivo sobre suas vidas e modos de viver, ontem e hoje. (DANNER, L; DORRICO, J.; DANNER, F. 2018, p. 254).

Essa mesma literatura com sua poética e sua voz-práxis abrem novos espaços de saberes. Esse fator é importante porque revela uma perspectiva de saberes outros que desvelam novas cosmovisões, cosmopolíticas para uma atuação frente os desafios que se impõe a contemporaneidade. Segundo José Benedito de Almeida Júnior (2018, p.117) ao refletir sobre os aspectos que compõem a tradição filosófica ocidental diz que:

A tradição filosófica ocidental, apesar de suas divergências, não tem dúvidas de afirmar sua superioridade ontológica em relação às outras experiências culturais e isso se configura em formas de epistemicídio, uma vez que outras formas de conhecimento do mundo são classificadas como primitivas ou arcaicas e, portanto, inferiores ontológica e epistemologicamente.

Davi Kopenawa (2015) é o retrato vivo dos intelectuais indígenas brasileiros contemporâneos. Seus escritos estão permeados de uma sabedoria que provém de uma fonte que transcende o espaço e o tempo e se ancora nas crenças Yanomami mais profundas. Essa tradição que confere sentido aos pertencentes a cultura Yanomami agora pode ser compartilhada com outros tantos que não fazem parte daquele núcleo epistêmico graças ao trabalho de Bruce Albert.

O conteúdo esboçado dentro da obra visa mais do que somente uma viagem pela cosmovisão Yanomami, mas também são páginas de encontros de cosmovisões onde se pode acessar uma cultura que até então não pode dizer por ela mesma a sua própria definição.

O leitor também pode fazer uma experiência mística e filosófica no caminho em busca por sabedoria através dos relatos do autor que soam muitas vezes como um convite para o aprofundamento da compreensão deste universo.

Durante todo o percurso da obra é possível identificar os elementos da cultura Yanomami presentes no escrito, é como se autor e tradição não pudessem em hipótese alguma se separarem. Esse fato é importante porque reflete um pouco de como funciona a racionalidade indígena brasileira contemporânea que não consegue ou minimamente entende que não pode separar suas origens da obra composta.

A obra *A Queda do Céu* é um convite para uma virada epistêmica na medida em que estimula a todo aquele que trilhar o caminho de suas páginas que o pensamento indígena Yanomami se situa em uma outra esfera que não a ocidental. A floresta nesta perspectiva não é um recurso material ou natural. É mais do que isso porque se situa para além de meras compreensões mercantilistas. Davi Kopenawa visa uma aproximação consciente dos seres humanos destes espaços naturais como forma de entender uma dinâmica que não a capitalista predatória que muitas vezes temos destes espaços que

são sagrados para as culturas ancestrais. Neste sentido Davi Kopenawa (2015) quer levar os seres humanos brancos a uma compreensão mais profunda onde possam eles entender a dinâmica espiritual da floresta:

Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos e genros de Omama. São as palavras dele, e as dos xapiri, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados as possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar xamã, a imagem de Omama as colocou em meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma para outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi Omama. São as palavras dele, vindas dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. As dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria. (KOPENAWA, 2015, p. 65).

É interessante a humildade de Davi Kopenawa ao colocar a disposição para o ensino das coisas mais elevadas e sagradas de povo para os brancos. Este fator é importante porque revela uma importante abertura para o diálogo que pode com sucesso produzir bons frutos refletidos na paz e preservação tanto dos costumes antigos como também da proteção ambiental mesma. Davi Kopenawa fala dessas coisas porque é um homem que conhece suas origens e sobretudo seu lugar de fala e por isso mesmo possui autoridade suficiente para se posicionar frente às mudanças agressivas pelas quais tende a passar nossa sociedade. A voz do ator é uma voz que clama para que a humanidade volte às suas origens mais profundas como forma de reconhecer e preservar os valores presentes em nossa natureza.

É preciso sempre trazer a mente de forma consciente que dentro da espiritualidade dos povos originários a natureza é fruto da criação das divindades ancestrais que através de sua sabedoria infinita soube criar tudo que existe inclusive os ritos e costumes de cada povo, portanto, nada é por acaso em meio a natureza, mas tudo está repleto de sentido. Pois, segundo Davi Kopenawa foi:

Omama tinha muita sabedoria. Ele soube criar a floresta, as montanhas e os rios, o céu e o sol, a noite, a lua e as estrelas. Foi ele que, no primeiro tempo, nos deu a existência estabeleceu nossos costumes. Ele também era muito bonito. (KOPENAWA, 2015, p. 70).

A compreensão da realidade é fundamental para um povo como é o caso dos Yanomami. Como o sentido de sua existência está estritamente arraigado a dinâmica do cosmos circundante é compreensível o fato do encontro com a sabedoria que está nestes vastos espaços naturais. Se de fato tudo foi criado com e pela força da sabedoria de Omama, logo nada mais natural do que estarmos sendo beneficiados com a possibilidade de obter toda essa sabedoria que emana de tudo que existe.

A sabedoria proveniente de Omama colocou no seu devido lugar segundo sua vontade e inteligência. É interessante, por exemplo, observar e considerar o argumento do Yanomami referente a forma como une perfeitamente a tradição de seu povo para explicar a explosão demográfica no mundo e o como ela afeta de forma direta as comunidades originárias vivem:

Omama depositou a espuma com a qual criou os antigos brancos muito longe de nossa floresta. Deu-lhes uma outra terra, distante, para nos proteger de sua falta de sabedoria. Mas eles copularam sem parar e tiveram mais e mais filhos. Então, foram tomados de euforia, fabricando um sem-número de mercadorias e máquinas. E acabaram achando sua própria terra apertada. Ainda guardavam de seus avós antigas palavras acerca dos habitantes de Hayowari e sua floresta. Então declararam a seus filhos: “Existe, bem longe, uma outra terra, muito bonita, onde há muito tempo Omama criou os nossos antepassados. Os habitantes da floresta dos quais se originaram ainda vivem lá. Não são outra gente diferente de nós!”. Tais palavras devem ter se espalhado entre os brancos de antigamente, já que acabaram atravessando o grande lago que os separava de nós. Navegaram nele durante várias luas, em grandes canoas. Escaparam do vendaval e dos seres maléficos que povoam o centro dessas águas. E, por fim, conseguiram retornar a esta terra do Brasil. (KOPENAWA, 2015, p. 252).

Essa fala de Davi é importante porque aponta para um fator determinante para descolonizar o pensamento. Autores como Davi Kopenawa vem buscando cada vez mais contar a sua versão da história de seu país.

Durante muito tempo nossa educação se pautou em modelos eurocentrismo que por causa de sua capacidade auto referencialista simplesmente negou os demais saberes presentes na realidade. Foi praticamente impossível para os povos originários poderem se expressar. Porém, desde os anos 70 os povos originários vêm conquistando não somente espaços físicos, mas também espaços virtuais onde eles mesmos a seu modo podem contar suas histórias ou melhor dizendo suas versões históricas de um Brasil que ainda não conhecíamos.

Como todo ser humano Davi Kopenawa para pôr um amadurecimento enquanto ser humano em sua trajetória. Grandes líderes não nascem prontos, eles vão sendo preparados ou vão se preparando ao longo do tempo por esforço próprio ou por influências externas.

Todas essas viagens por nossa floresta e pelas cidades acabaram fazendo com que eu entendesse melhor o que estava ocorrendo com a nossa terra. Graças a essa experiência, pouco a pouco, fui me tornando adulto e ganhando sabedoria. Foi por causa dessas viagens que comecei a pensar: “Você deve proteger sua gente! Precisa defender a floresta!”. Antes disso, eu não passava de uma criança e estava muito longe de pensar direito! (KOPENAWA, 2015, p. 319-320).

Este processo evolutivo na trajetória do autor lhe permitiu não somente um amadurecimento, mas sobretudo, ter uma noção real dos problemas pelos quais passava seu povo e os demais seres humanos. Davi com o passar do tempo pode perceber que a degradação do meio ambiente que está

ocorrendo, ocorre por ação direta do ser humano que tomando posse e não contentes com o que é seu agora buscam se apossar de mais e mais terras.

A floresta deles foi picotada por todos os lados. Esses pensamentos me deixavam triste. Dizia a mim mesmo: “Os brancos não possuem sabedoria nenhuma. Dizem que o Brasil é muito grande. Então, por que ficam vindo de todas as partes para ocupar nossa floresta e devastá-la? Cada um deles não tem sua própria terra, onde sua mãe o fez nascer?”. Pensava também, com tristeza, em nossos antigos, que desde a infância eu tinha visto serem devorados um a um pelas epidemias, e em todos os nossos que não tinham parado de morrer desde a abertura da estrada. (KOPENAWA, 2015, p. 325).

Neste caminho de Davi Kopenawa está sempre presente, o que o autor considera como sabedoria de seu povo e suas tradições em oposição, a não sabedoria dos brancos. Por devastar a floresta e transformar os rios em lamaçais na perspectiva do Yanomami não existe sabedoria alguma nisso.

Nas tradições indígenas todos os membros pertencentes a uma determinada comunidade são responsáveis pela formação das novas gerações. É a comunidade que confere identidade ao indivíduo e não o contrário como vemos nas sociedades ocidentais. Desse modo é compreensível quando Davi Kopenawa expõe a influência de seu próprio sogro devido a sua experiência de vida como Xamã:

Meu sogro não viajou tão longe quanto eu na terra dos brancos. No entanto, é um xamã antigo e seus espíritos já conhecem todas essas coisas. Quando conto a ele minhas viagens, declara apenas: “Você diz palavras verdadeiras! O pensamento dos brancos é cheio de ignorância. Eles não param de devastar a terra em que vivem e de transformar as águas que bebem em lodaçal!”. Foi ele quem me deu sabedoria, me propiciando contemplar o que os xapiri veem. Costumava me chamar e dizer: “Venha cá! Vou alargar seu pensamento. Você não deve envelhecer sem se tornar um verdadeiro homem espírito. Senão, jamais poderá ver a imagem da floresta com os olhos dos xapiri!”. Então, eu me agachava e bebia yãkoana com ele durante um longo tempo. Aos poucos, meus olhos morriam sob a potência de seu pó. Era assim que, depois de eu ter virado fantasma, os espíritos de meu sogro me carregavam até o peito do céu. Voavam em alta velocidade com minha imagem e meu sopro vital. Minha pele permanecia no chão da casa, enquanto meu interior atravessava as alturas. Então, de repente, eu era capaz de ver do mesmo modo que os xapiri e, assim, tudo se esclarecia. Eu via, de um lado, a beleza de nossa floresta e, do outro, a terra dos brancos, devastada e coberta de desenhos e recortes, como uma velha pele de papel rasgada. (KOPENAWA, 2015, p. 328-329).

Esse processo de busca pela sabedoria que aos olhos do pensamento ocidental apenas representa um ritualismo primitivo na verdade é o modo de encontro com a sabedoria e com as verdades mais profundas que somente aqueles abertos a essa busca podem acessar. Davi Kopenawa de forma categórica aponta para os elementos constitutivos de sua formação humana e espiritual que se deram por via sensorial:

Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel. Vi-as de verdade, bebendo o sopro de vida de meus antigos com o pó de yãkoana que me deram. Foi desse modo que me transmitiram também o sopro dos espíritos que agora multiplicam minhas palavras e estendem meu pensamento em todas as direções. (KOPENAWA, 2015, p. 76)



Davi Kopenawa traz em vários momentos de sua obra que os responsáveis por ensiná-lo, bem como os outros xamãs foram os xapiri. Tal fato demonstra a forma como o conhecimento na tribo Yanomami ocorre, essa construção, contrapõe-se à visão de muitos filósofos europeus, como por exemplo a de Aristóteles que coloca:

Todos os homens, por natureza, tendem ao saber. Sinal disso é o amor pelas sensações. De fato, eles amam as sensações por si mesmas, independentemente da sua utilidade e amam, acima de todas, a sensação da visão. Com efeito, não só em vista da ação, mas mesmo sem ter nenhuma intenção de agir, nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações. E o motivo está no fato de que a visão nos proporciona mais conhecimentos do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas (ARISTÓTELES, p. 11)

A visão de Davi Kopenawa de como a construção de conhecimento nos dá noção do quão complexa e elaborada é a filosofia dos povos presentes na Amazônia. De forma independente essas tribos desenvolveram seus próprios conceitos e formas de explicação para diversos conceitos e processos tal qual ocorreu, por exemplo na Grécia antiga. Não se trata aqui de uma superioridade conceitual, epistêmica, ontológica e ética, mas sim de saberes que se desenvolvem ao longo do tempo de forma independente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto fica evidente o potencial intelectual proveniente dos povos originários indígenas brasileiros, sobretudo, dos saberes que são retratados a partir da própria literatura indígena brasileira contemporânea. Estes saberes que originalmente provém de uma tradição oral que se perdeu nas areias do tempo agora são fixadas e reportadas à sociedade através da palavra escrita.

Compreender a nossa estrutura social bem como a composição antepassada pode, por exemplo, justificar costumes e crenças contemporâneas que acarretam em questionamentos intrapessoais e interpessoais. Desta maneira, é fundamental que o ato de questionar-se se faça presente a fim de cessar preconceitos para com os outros povos, sobretudo os povos originários indígenas brasileiros contemporâneos.

Sendo assim é de suma importância evidenciar a pertinente necessidade do conhecimento cultural e histórico de um todo, pois, com base nos tópicos produzidos acima, pode-se verificar que em todas as tentativas de soberania e prevalência de uma cultura, logo, se chegava à ignorância de um povo. Isso acontece pelo empobrecimento epistêmico que a ausência da diversidade pode proporcionar.

Desta forma, entende-se que buscar um conhecimento pleno a respeito de determinada cultura é imprescindível que seja desvinculado a prepotência eurocêntrica e os conceitos ultrapassados e já

pré estabelecidos. Por tudo isso, evidenciar a importância da educação filosófica atrelada à educação da história são passos alicerçadores para evolução de uma cultura.

Em suma, é a literatura indígena brasileira contemporânea, o palco perfeito para o compartilhamento dos saberes originários. Nela encontram-se os elementos necessários para se pensar a realidade sob outra perspectiva. Se a filosofia da educação ao longo do tempo se ocupou de refletir sobre as conceituações e elementos necessários para uma busca pela verdade, de igual modo a sabedoria dos povos indígenas visa um caminho de sabedoria. Neste encontro epistêmico pela verdade é que se percebe como tanto a Filosofia da Educação quanto o Pensamento indígena podem caminhar juntos em prol de uma educação verdadeiramente integral e decolonial.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR, José Benedito de. UPAPITSI: Aspectos Da Alma Wauja. Relicário Revista do MAS, vol. 05, nº 10, p. 116-127, 2018. Disponível em: <https://revistarelicario.museudeartesaerauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/34/28>. Acesso em: 1 nov. 2022.

ARISTÓTELES. Metafísica. Vincenzo Coceo. São Paulo: Coimbra, 1984.

DANNER, Fernando. Biopolítica e racismo de Estado: Uma leitura do curso Em Defesa da Sociedade (1975-1976) de Michel Foucault. Aufklärung: Revista de filosofia, [S. l.], v. 7, n. esp, p. p.65–80, 2020. DOI: 10.18012/arf.v7iesp.56953. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/56953>. Acesso em: 14 jul. 2022.

DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. Descentramento, Crítica e Transformação: uma história da modernidade a partir da descolonização africana e do pensamento indígena. Philosophos - Revista de Filosofia, Goiânia, vol. 26, nº 1, pg. 147 a 196, 2021. DOI: 10.5216/phi.v26i1.67351. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/67351>. Acesso em: 26 ago. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. A Alteridade na Literatura: Da voz-práxis Da Diferença como Literatura – O caso da Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 14, nº 2, p. 360, 2020. DOI: 10.22456/1982-6524.105664. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/105664>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DANNER, Leno Francisco. O *ETHOS* Democrático Contemporâneo: Das Culturas Tradicionais À Fusão de Culturas. Pensando - Revista de Filosofia, Teresina/PI, vol. 4, nº 8, pg. 116 a 139, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/pensando.v4i8>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira. Alea, vol. 22, nº 1, pg. 59 a 74, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. Scripta, vol. 24, nº 50, pg. 205 a 256, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.

DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. A Literatura Indígena Brasileira, O Movimento Indígena Brasileiro e o Regime Militar: Uma Perspectiva Desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Álvaro Tukano. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 252, 2018. DOI: 10.22456/1982-6524.83424. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/83424>. Acesso em: 9 jun. 2023.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. Literatura de Minorias como crítica do presente e politização radical: reflexões sobre a literatura indígena brasileira. Revista Crioula, [S.l.], nº 21, pg. 197 a 233, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143341>. Acesso em: 15 nov 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Pacificando o Branco: Uma história da modernidade contada pelos indígenas. EDITORIAL, E. Transformação v. 45, edição especial, 2022: Filosofias do Sul: entre a África e a América Latina.

TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 45, p. 1–468, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12802>. Acesso em: 12 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GHIRALDELLI JR, Paulo. Filosofia da Educação. São Paulo: Àtica, 2006.

JAEGER, Werner. Paidéia – A Formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JECUPÉ, Kaka Werá. Tupã Tenondé – A Criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

KRENAK, Ailton. Encontros. Sergio Cohn (org.). Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga. Vol. 1. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus 2003.

SCHMITZ, Egídio F. O Homem e sua Educação – Fundamentos de Filosofia da Educação. Porto Alegre: Sagra, 1984.

SILVA, José Pereira. Populações Indígenas e Resgate de Tradições Agrícolas. Brasília: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2001.

WOLFF, Francis. Aristóteles e a Política. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.